

eBook

Movimento ESG e a Gestão de Riscos Corporativos, dois conceitos indissociáveis.





A crescente complexidade do ambiente de negócios tem levado cada vez mais organizações a desenvolverem o GRC – sistema integrado de governança, gerenciamento integrado de riscos e conformidade. Enormes mudanças econômicas, ambientais e sociais demandam das companhias o aperfeiçoamento do sistema decisório para agirem adequadamente diante das novas oportunidades e novas ameaças que não param de surgir.

Um artigo publicado no portal da empresa norte-americana SAI360 alerta que no âmbito da GRC as atitudes em relação ao risco mudaram muito nos últimos dois anos. O crescimento sustentável dos negócios demanda integrar a agenda ESG ao sistema de gestão de riscos corporativos. Trazendo como bandeiras ambiente (letra **e** do adjetivo inglês *environmental*), sociedade e governança, a agenda ESG já faz parte da estratégia de grandes empresas. Não se trata de uma moda, mas sim da necessidade premente de manutenção e qualidade da vida humana no planeta, diante da ameaça climática e da demanda social por mais equidade e maior conformidade com os regulamentos. Consumidores, colaboradores, reguladores e investidores estão cada vez mais informados e mais atentos ao cumprimento dessa agenda. Há empresas, entretanto, que ainda não sabem quais são as melhores práticas para gerenciar os riscos específicos de ESG. Estão perdidas quanto a identificação, análise, avaliação, controle e monitoramento de seus riscos.

Atentar para as necessidades de todos os stakeholders há tempos está na pauta de qualquer empresa madura. Uma governança corporativa forte, que atenda aos interesses dos acionistas, promove responsabilidade e foco de longo prazo, fornecendo transparência e um vínculo claro entre criação de valor e retorno financeiro. Resultados de curto prazo não justificam perdas futuras com processos trabalhistas ou ambientais, perda de *market share*, impacto reputacional ou financeiro etc. Não é novidade a cobrança da opinião pública para que uma organização se mantenha em boa governança, que seja ativa na busca de uma sociedade mais justa e cuide do meio ambiente. O que há de novo, com a ESG, é planejar esses três aspectos de maneira integrada e articulada com a estratégia do negócio, por meio da gestão integrada de riscos (ERM – *Enterprise Risk Management*).





As organizações estão se esforçando para obter resiliência operacional e de negócios, o que requer integração e interação simbiótica de gerenciamento de risco, continuidade de negócios e planejamento estratégico. A organização em 2022 necessita total consciência situacional do ambiente de riscos interconectados que a impacta. Para executar sua estratégia, sendo ágil e resiliente, a organização precisa compreender o risco individual (a árvore) e a interconexão do risco com sua estratégia e seus objetivos (a floresta).

Companhias bem estruturadas e bem governadas não podem, por exemplo, manter em sua cadeia de valores fornecedores que não prezem pela agenda ESG. Entender as ameaças de terceiros na gestão de riscos corporativos ganhou nova

relevância com o atual crescimento das terceirizações.

Quanto maior for a rede de fornecedores, mais propensa aos riscos estará a empresa tomadora. Como evitar o perigo de contratar um fornecedor que se aproveita de trabalho infantil, ou que não cuida adequadamente de seus rejeitos industriais? Como saber se um potencial fornecedor está devidamente regulamentado? Como assegurar que suas práticas de RH estão dentro da lei, que ele não expõe os empregados a condições hostis, que na companhia não há corrupção ou fraude? As empresas estão implementando rapidamente estratégias de ESG para identificar e mitigar esses riscos e assim construir uma cadeia de fornecedores mais ética e sustentável.

Nesse sentido, é necessário compreender como as práticas ESG se harmonizam com o negócio, entender que aspectos da ESG são importantes na realidade da operação e quais os riscos associados. Novas estratégias, processos e ferramentas são demandadas nesse ambiente em que GRC e ESG se combinam. Um ponto sensível é como avaliar e reportar, que métricas aplicar, por exemplo, sobre sustentabilidade em toda a cadeia de valores da empresa. Estudos nesse sentido estão sendo conduzidos na União Europeia para haver uma regulamentação clara. Outros pontos sensíveis são: pesar como um investimento de curto prazo – em inovação de processos, aquisição de matérias-primas, descartes – afetar o retorno a longo prazo; como



adotar diversidade, equidade de gênero, combate ao racismo; e muitos outros desafios.

Pesquisar o estado da organização, de suas filiais e de potenciais fornecedores em relação a ESG demanda horas de trabalho de especialistas, mas já existem ferramentas informatizadas que podem simplificar o processo.

Empresas de tecnologia estão desenvolvendo softwares, baseados em informações públicas, que não apenas organizam o histórico da empresa e de um potencial fornecedor, como ainda filtram os riscos segundo o nível de impacto (baixo, médio ou alto), de acordo com o perfil da organização visada e da empresa tomadora dos serviços.

Mas, atenção: software e tecnologia não são tudo no gerenciamento dos riscos, sejam ESG ou de outra natureza. Eles apoiam o planejamento da organização e fornecem eficiência, eficácia e agilidade ao planejamento estratégico de GRC, como elementos de um processo mais amplo e complexo. Uma boa referência é a norma ISO 31000, que define o processo para gerenciar riscos mais difundido e utilizado no mundo. Empresas que definem o padrão da ISO 31000 para gerenciar todos os riscos da organização (ERM), além de eficiência, ganham em amplitude e padronização em meio ao ambiente de negócios dinâmico,

distribuído e disruptivo do mundo atual.

A teoria do caos – e o efeito borboleta – é a que melhor se adequa ao mundo dos negócios quando se trata de conexão e inter-relação entre os riscos. Para gerenciar riscos em sistemas não lineares, como é o mundo dos negócios, em que as consequências podem ser desproporcionais às causas (efeitos exponenciais e imprevisíveis), são necessárias ferramentas preparadas para facilitar o gerenciamento de riscos em geral e, em particular, os de terceiros. É preciso cruzar os diferentes riscos – do operacional ao estratégico – e analisá-los de maneira holística, considerando a empresa (contexto) e sua inserção na sociedade, com todos os desafios que a sociedade traz (violência, pobreza, preconceitos, e etc.).

Nunca foi tão importante construir um sistema GRC robusto e integrado à agenda ESG.

Para obter mais informações sobre gestão e avaliação de riscos, visite nosso site www.totalrisk.com.br.



Sobre a Plataforma t-Risk

O Software t-Risk (SaaS) está disponível desde 2015 para apoiar organizações no gerenciamento de seus riscos. Ferramenta analítica que auxilia na identificação, análise e avaliação de riscos, além de apoiar nos processos de priorização e tratamento dos riscos.

A base de dados é criptografada e confidencial, somente o usuário tem acesso às informações de seu projeto. Além disso, ela é mantida em servidor de alta performance com backup permanente dos dados. Está em conformidade com o processo de gestão de riscos definido na ISO 31.000 e 31.010. Disponível em português, inglês e espanhol, aumenta em até 80% a produtividade, o que representa mais rapidez e menor custo para entregar um quadro claro das condições de riscos em que a organização desenvolve suas atividades.

Após definição dos controles que serão implantados, melhorados ou mantidos, para manter os riscos dentro do apetite ao risco da organização, ainda será possível monitorar todos os projetos, tarefas e controles através do módulo 5W2H para gestão de projetos com envio de e-mails automáticos aos envolvidos no projeto.

Saiba mais e conheça todos os detalhes em nosso site.



Licença de distribuição, clique para acessar.





Movimento ESG e a Gestão de Riscos Corporativos, dois conceitos indissociáveis.

